

VIA LATINA

I

SUMÁRIO:

Apresentaçã.	
A Laranjeira	<i>Antônio de Sousa</i>
Só.	<i>Luís Guedes de Oliveira</i>
Claustro do Silêncio	<i>Prof. Antônio Augusto Gonçalves</i>
Uma poesia de João de Deus.	
Os Malogrados	<i>Costa Pimpão</i>
Cantiga da sêde	<i>Luís Guedes de Oliveira</i>
Canção da candeia acesa	<i>Branquinho da Fonseca</i>
Notas camilianas	<i>Américo Velloso</i>
Horas morrendo	<i>Vaz Craveiro</i>
Sob o velário da melancolia	<i>Luís Veiga</i>
Preciosa	<i>Álvaro Júlio</i>
Crítica literária.	

Claustro de Santa Cruz — Fotografia
Camillo — Desenho de Tavares Mourato

COIMBRA

M A I O

I 9 2 4



NÚMERO I
MAIO
DE
MCMXXIV

VIA LATINA

REVISTA DE
ESTUDANTES
DE
COIMBRA

A idea desta revista nasceu da aspiração dum grupo restricto de rapazes. Esse grupo arrostou com dificuldades de ordem material, inevitáveis numa empresa desta natureza. Arrostou ainda com a indiferença de muitos e com a triste realidade dos exemplos que precederam a *Via Latina*.

Possuidor, no entanto, duma vontade forte, o mesmo grupo foi por diante, sem um desânimo, e tráz até vós, senão a plena realização dessa idea sonhada numa hora singular de Fé, pelo menos o desejo de chegar até ella.

Do nome nada ha que dizer-vos. Da infelicidade de composição, erros da escritura, e outras imperfeições da estampa, aqui fazemos nossa a affirmação de D. Francisco Manoel: « vós os vêdes, vós os castigai ».

A REDACÇÃO.

A Laranjeira

Está ali, junto à fonte, afastada das outras, sobranceira ao caminho. Sua folhagem abre como um pálio verde sôbre a relva húmida, e à sua amiga sombra os miosotis e as violetas bravas vivem contentes. Outono fóra, ainda coberta de flor, oira de perfume. Contra os bichos daninhos, a proteger-lhe o tronco — a tenra carne — vestiram-na da cintura para baixo com saia de linho branco. Assim, fina e senhoril, tem um ar de menina-e-moça, toucada de flores. A' hora pagã da madrugada é vê-la rir, com estremecimentos leves de volúpia! E, pela noite dentro, á luz ritual da lua, entre os véus da bruma, o seu aroma — a fala — é como incenso de resa...

A' tarde, os melros, que se namoram dela, cantam-lhe um gárrulo amor de boémios. As abelhas do divino mel bebem como doidas nos cálices cheios das flores. Depois... ei-las aos zigue-zagues — uma turbulenta música nas asas. Só os pobres mochos macambúzios fogem dela, e tôda a noite, no sobreiro de em frente, agoiram com pios fantásticos... Que até o sapo — o precito — dentre o negrume da terra ergue para ela a prece angustiosa do seu canto!...

* * *

Quando a vejo, compreendo o porquê de as noivas escolherem para simbolo da sua virgindade a flor de laranjeira. Ela está ali, junto à cantilena da fonte, virgem e pura, à espera dum bem-amado. Sinto-o ao passar, quando o vento lhe agita de manso as folhas, num ciciar de beijos. E, vê's tu, amiga minha? não te fóra o meu coração fiel, havia de me apaixonar! Que ela sabe bem quanto é para ser amada — a tolinha vaidosa da sua belesa!

Cobre-se de frutos — as belas laranjas côr de sol como globos de oiro — tal uma cachopa orgulhosa com as contas dos seus trinta cordões. Admira até não a ver ir à romaria, quando passam os ranchos de moças e maneis para a Senhora da Luz! Pois quando as cabras de algum pastor fazem caminho por li perto, a laranjeira, podeis crêr! tem inveja de não ir cabritar com elas!

Mas, que doce coração o seu, capaz de séria e boa caridade! Estenda-se mão de men-

digo a procurar, entre o redol das folhas, o fruto que lhe mate a fome, e é ver a graça humilde com que ela se entrega, contente de fazer bem. Se fôr velhò ou ceguinho, direi até que lhe estende nos braços dos ramos o melhor dos seus tesouros...

Aquela laranjeira, que a fonte canta como um poeta, debruçada do caminho, com seu fino vulto de donzela — pela sua graça boa e simples — amor das abelhas, dos pássaros e dos pobres, àquela laranjeira, sempre que lá passe, porque é linda e alegre, ainda que os senhores se riam, eu direi, sempre que lá passe: — Deus te abençõe, irmã!

Coimbra, 6-4-24.

ANTÓNIO DE SOUSA



Só

Eu era o triste só, longe da vida,
Em sonho errando o olhar pelos caminhos,
A' tarde, quando o cântico dos ninhos
E' um hino ao sol que vai na despedida.

Andava em mim suspensa, côr dos linhos,
Uma saudade vaga, incompreendida,
Eu era o triste só, longe da vida,
Em sonho errando o olhar pelos caminhos.

Abandonado a mim, era um adeus,
Enquanto não fitei os olhos teus,
Essa divina e pura Eucaristia;

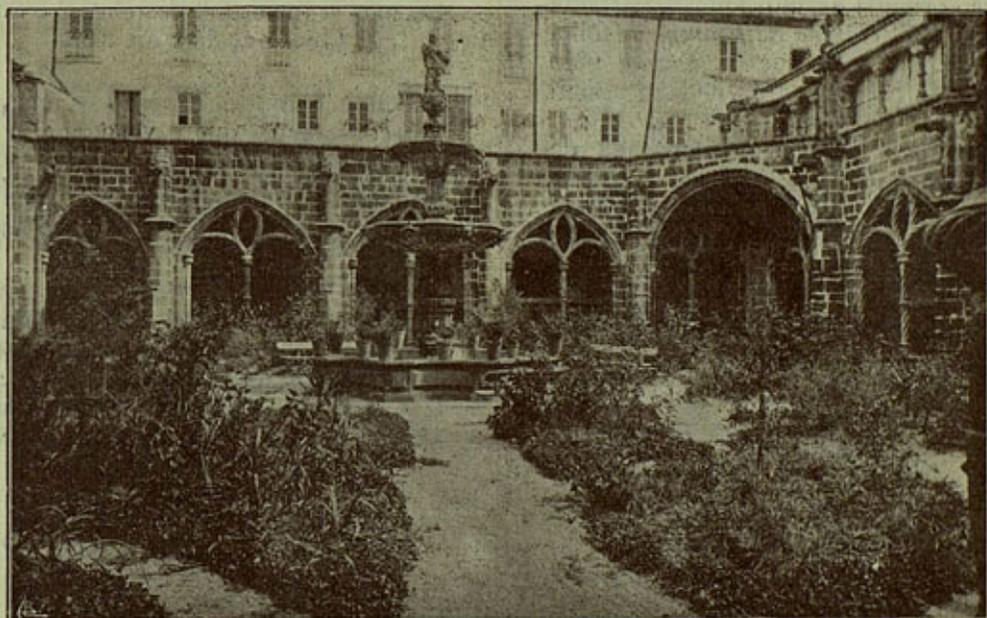
Mas na graça de Deus, êles vieram...
Nunca meus olhos outra luz tiveram
Que não fosse a dos teus que me alumia!

Coimbra,
Primavera.

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

Claustro do Silêncio

Pelo Prof. António Augusto Gonçalves



A originalidade dum estilo é preciso procurá-la nas formas simplificadas da sua origem — porque no seu natural desenvolvimento nunca deixam de se fazer sentir influências generalizadas de elementos novos e adaptações acidentais.

Seria absurdo pretender que sobre o *Manuelino*, em Portugal, na diuturna produção de tantos edifícios, não actuasse a influência de exemplos e modelos espanhóis, ou pudesse reagir à acção directa e decisiva dos constructores estrangeiros, que trabalharam nos nossos monumentos. O que se afirma é que numerosos architectos nacionais, talvez pela própria incultura, se mantiveram em completa autonomia e produziram obras singulares, pela originalidade indisciplinada e pela audácia de instintiva independência.

Assim o *Manuelino* tem de ser classificado em escolas ou categorias diversas — e o claustro de Santa Cruz é um dos mais apreciáveis especímenes do *Manuelino popular*.

O escôpro, nas mãos vigorosas destes obreiros, corta a pedra sem hesitações, com a mesma liberdade da delineação do traçado.

Sabe-se que o architecto foi Marcos Pires. Que é dele a fachada da Igreja, em que assenta o revestimento da Renascença, e a guirlanda superior que a circunda.

Isto basta ao prestígio do seu nome.

Morreu por 1522. E a direcção dos trabalhos do Mosteiro passou às mãos de Diogo de Castilho que dizem biscaíno e cuja escola segue orientação diferente.

Uma Poesia de João de Deus

Todos conhecem a tradução que João de Deus fez daquela linda poesia de André Chénier *La Jeune Captive*. O que ninguém conhecerá, com certeza, é a lição original desta tradução, bastante diversa da lição do *Campo de Flores*. A folha em que se contém esta poesia, escrita pelo punho do grande Lirico, fez parte dum album de poesias.

E' por intermédio do nosso camarada de redacção, Américo Velloso, que nós podemos dar aos nossos leitores a tradução da poesia de Chénier tal como ela saiu da primeira inspiração de João de Deus.

Escusado seria dizer que conservamos rigorosamente — religiosamente —, a pontuação e a grafia do Mestre.

Lição original

Respeita a foice a espiga, verde ainda;
Sem medo da vindima o estio inteiro,
Bebe o pampano as lagrimas da aurora;
E eu, bella como a espiga, tenra e linda
Como o pampano, heide eu morrer? Não quero:
Quero mas não por ora.

Talvez d'um outro, oh morte, acceita fosses!
Eu espero; inda que em lágrimas me lave,
Varre-me a fronte o norte? Eu tremo, e inclino-a.
Se ha dias tristes, ai! ha-os tão doces!
Sem amargos, que mel por mais suave?!
Que mar em paz continua?!

Benefica illusão meu seio habita:
Sepulte-me este carcere inhumano,
A asa alva da fé não se agrilhôa:
Salva do laço da prizão maldita,
Mais viva e alegre a esse aereo oceano
A alvéola canta e vôa.

Hei-de eu morrer? por que? se eu não diviso
Em minh'alma um remorso: ou durma, ou velle,
Eu velo e durmo em paz, na paz do justo:
Em todo o labio a luz me abre um sorriso;
Ate n'este logar que o riso expelle
E onde ella assoma a custo!

O fim do meu destino inda é tão longe!
Quantos passei dos álemos que adornam
Este bello caminho? Inda sentada
No banquete da vida apenàs hoje
A taça eil'-a inda cheia as maons intornam
Dos labios illibada.

Eu estou na primavera, ó segadores!
D'uma em outra estação havia agora,
Como o sol, não findar meu anno? Havia?
Em meu pe debruçada, honra das flores,
Eu não vi mais que despontar a aurora.
Quero acabar meu dia.

Espera, oh morte, espera! tu não perdes.
Vai consolar os que a vergonha, o medo,
O desespero pallido devora!
Pallas reserva-me inda grutas verdes;
As musas, cantos: e o amor... segredo!
Eu não morro por ora.

Assim captiva e triste, o rosto lindo,
E a vista alçando ás regioens ignotas,
Minha lyra intoou na fe mais viva;
E eu, as languidas magoas sacudindo,
Moldei no doce verso as doces notas
D'essa jovem captiva.

JOÃO DE DEUS

Lição do « Campo de Flores »

Respeita a foice a espiga verde ainda;
Sem medo da vindima, o estio inteiro
Bebe o pampano as lagrimas da aurora:
E eu verde como a espiga, tenra e linda
Como o pampano, hei de eu morrer? não quero!
Quero, mas não por ora!

Talvez que a outrem, morte, grata fosses;
Espero! Embora em lagrimas me lave,
Varre-me o norte a mim a face? inclino-a.
Se ha dias tristes, ai! ha-os tão doces...
Sem amargo que mel por mais suave,
Que mar em paz continua?

Benefica illusão meu seio habita.
Sepulte-me este carcere inhumano.
A asa nivea da fé não se agrilhôa.
Escapa ao laço da prisão maldita,
Mais viva e alegre a esse aereo oceano
A alvéola canta e vôa.

Hei de morrer? porque? se não diviso
Em minha alma um remorso; durma ou vele,
Se eu velo e durmo em paz, na paz do justo!
Se em cada rosto a luz me abre um sorriso,
Aqui mesmo, onde a magua o riso expelle,
E a luz assoma a custo!

O fim do meu destino é lá tão longe!
Quantos passei dos alamos que adornam
Esta bela viagem? Eu, sentada
Ao banquete da vida apenas hoje,
A taça ainda cheia as mãos me entornam,
Dos lábios illibada.

Estou na primavera, oh segadores!
Nas mais quadras do anno havia agora
De não acompanhar o sol, havia?
Debruçada em meu pé, gloria das flores,
Eu não vi mais do que raiar a aurora;
Quero acabar o dia!

Espera um pouco, oh morte! nada perdes:
Antes consola os que o remorso, o medo,
O desalento pallido devora!
Guarda-me ainda o campo grutas verdes,
A musa, cantos! e o amor. segredo!
Não morro, não, por ora!

Assim encarcerada, o rosto lindo
E a vista alçando às regiões ignotas,
Minha musa entoou na fé mais viva;
E eu, as languidas maguas sacudindo,
Moldei em doce verso as doces notas
D'essa joven captiva!



Os Malogrados

OS MALOGRADOS OU ESCOLA DE MORRER JOVEN! Achei êste sugestivo titulo num rápido escôrço de *A Literatura Brasileira* de Valentim Magalhães e, por simpatia, adoptei-o. Valentim Magalhães falou dos Malogrados brasileiros. Eu lembrei-me de falar um pouco dos que andaram na escola de morrer cedo — em Portugal.

E que grande escola, a dos *Malogrados*, tanto no Brasil, como em Portugal! O assunto

é vasto até o infinito, tão vasto que se pode ser original a vontade dentro dele — caso raro, e talvez único, em que a originalidade não tenta, nem sorri.

A idade embriagadora, triunfal, dos vinte, aos trinta anos, a idade dos castelos de areia amontoados em pirâmides de illusões, essa idade de névoas e de chamas em que a paixão e a febre se encrêspão em ondulações fortes de vaga — é também a dolorosa, a processional idade dos Poetas. E não falo aqui dos que rimão e versêjão apenas. Falo dos Poetas pelo espirito, daqueles que o são pela fantasia e pelo sonho, dos perseguidos pela tortura dum Ideal de Beleza absoluto, êsse Ideal inatingível como a sêde de água de Tântalo, tão longinquo, para alguns, tão remoto, que acaba por prostrá-los.

O romântico perfil dum cipreste, agudo e torturante como uma flecha de templo gótico, ha-de ser sempre a simbólica, a estilizada expressão vegetal dos Poetas — sobretudo dos Poetas da grande escola de morrer joven.

Entendo ainda por Poetas aqueles que o são de coração, aqueles que veem apenas na Vida a sua expressão de ritmo, e na humanidade aquilo que nela lhe resta de ascendência divina.

Pois não ha tanto Poeta que nunca fez um verso?...

Neste sentido, cada um de nós tem no fundo qualquer coisa de poeta — porque cada um de nós sente dentro de si, enjaulado, uma porção de ideal. Mas é neste sentido, também, que se fala dos Eleitos, porque, de facto, poucos são os que conseguem contar aos outros aquilo que cada um de nós sente — e não sabe revelar.

Este capitulo de prosa destina-se a falar um pouco dalguns daqueles que sentirão quebrar-se-lhes nas mãos a pixide a transbordar de Sonho. E, por consequência, um capitulo fúnebre, em que passa um longo cortejo de Mortos, que nem sequer tocárão a idade dos trinta anos. Hamilton, Serrano, Coimbra, Vidal, Fogaça, e tantos, tantos outros, para quem a Vida teve o sabor vago dum fructo por abrir, todos eles tomam parte neste cortejo de espiritos.

Entendi, de ha muito, consagrar a todos, ou a alguns deles, duas palavras de saudade. Começo hoje a desobrigar-me do meu prometimento intimo — e oxalá que eu, pela memória de todos os *Malogrados*, possa levar a minha tarefa a bom termo.

I

ALFREDO SERRANO

Conheço dois retratos de Alfredo Serrano. Um, é um quadro a óleo de Pedro Guedes. Era então um rapaz de vinte anos: olhar fundo, romântica cabeleira sôbre as fontes, todo ele respirando um ar insinuante de serenidade e simpatia. Outro retrato, conheço-o duma fotografia má de revista. Este foi tirado creio que nos últimos tempos da sua vida. As viagens que fizera pelos países da Arte, havião juntado à sua figura distinta, qualquer coisa de superiormente elegante, e um fino quê de reflexão, aclarado por um bom sorriso de Mestre.

Um ditado, que tem um ingénua sabor de romance, mas que é muitas vezes injusto, — e mentiroso, ensinou-nos a acreditar que «a gente vê caras, não vê corações». O ditado é injusto, o ditado é mentiroso, porque as expressões dêstes dois retratos de Alfredo Serrano, são o molde perfeito e ajustado das facetas do seu espirito.

Alfredo Serrano nasceu em 1875 e faleceu em 1904. Creio que nasceu na Beira. Tão pouco viveu, que sou tentado a dizer que a sua vida foi aquela *Manhan doirada* do titulo dum seu livro, uma manhan de 29 anos, serena e transparente, idilica e soalheira, como qualquer das manhans de Maio.

Um dia, de Bolonha, onde Alfredo Serrano fôra refugiar o seu corpo combalido dum tifo, chegou um telegrama annunciando a sua morte. Não faltarão as lágrimas de meia duzia de amigos. Não faltou a notícia dos jornais.

...E Alfredo Serrano — morreu.

A biografia dêste escritor e critico de Arte — é simplez. Nem sequer se conta. Diz-se em duas palavras:

Órfão de pais, Alfredo Serrano deu ingresso na Casa Pia. Pouco trabalho daria o afeioar daquela alma naturalmente delicada e idealista. Quando publicou o seu livro — *Horas de Sol*, Alfredo Serrano lembrou-se daquela casa de misericórdia numa dedicatória ao Conselheiro Elvino de Brito, ao tempo dele Provedor da Casa Pia. (Existe esta dedicatória no exemplar das *Horas de Sol* pertencente à Biblioteca da Universidade).

Cursou o Liceu. Foi um ardente impulsor da homenagem a João de Deus, e foi aluno do Curso Superior de Letras. Depois...

foi estudar para fora de Portugal. Andou pelo estrangeiro, voltou a Portugal, tornou a sair, e morreu em Bolonha.

A sua biografia é esta.

Dividirei a sua vida como homem de letras, ou melhor, como homem de arte, em duas fases bem distintas: uma, literária; outra, crítica.

Na primeira fase, Serrano escreveu *Horas de Sol e Manhan Doirada*.

Na segunda fase, Alfredo Serrano sai de Portugal e vai contemplar de perto a Arte em todas as suas manifestações de génio, desterrando do seu espirito preconceitos inúteis ou revelhos, construindo ideias originais duma acentuada critica pessoal, inédita. Visita os melhores museus da Europa. Estuda com paixão a pintura holandesa. Mergulha o espirito nos claros escuros e palpa as carnações de Rembrandt, prescruta e entende a graça e a vida de Angiolotto.

Mas Alfredo Serrano pugnou também por um ideal politico. Foi artista — e foi lutador. As suas noções sôbre história de arte seguirão uma trajectória paralela à das suas afirmações de politico militante. Foi parcial porisso? De forma alguma. Foi um sincero e um coërente — de qualquer das formas.

Por tradições de familia, por educação, e por índole, Alfredo Serrano foi um legitimista. Defendeu as suas ideias no jornal *A Nação*, de que foi redactor, defendeu-as em outros jornais, em centros, em público. Em certa altura o Senhor D. Miguel de Bragança convidou-o para professor de português de seus filhos D. Miguel e D. Francisco José — lugar que Alfredo Serrano veio a desempenhar na Austria.

Deixando por agora o Politico, esboçemos a sua personalidade de escritor. A obra que nos deixou é tão pequena — como foi pequena a sua vida. Consta apenas de dois livros: e dêstes só consegui ler a sua obra de prosa — *Horas de Sol*.

Será possível, através dêste livro dos 22 anos, reconstituir, ainda que a traço largo, o seu perfil de homem de letras? Tentemo-lo:

O livro *Horas de Sol* jorra uma vitalidade sadia, plena, impetuosa e tem um rescendente perfume a seiva de pinheiro da Beira. A sua primeira aguarela intitulada mesmo — *Na Beira*, é uma sinfonia de côres, traçadas em pinceladas vivas, agrupadas, definidas, do

cimo de algum outeirinho, num minuto feliz de inspiração. E senão vejamos:

« Carvalhos gigantes, a projectarem sombras cómodas, eucaliptos esguios, a formarem exércitos ao longo das estradas, casas brancas, de telhado vermelho e paredes caiadas, milharais extensos, de um verde muito fresco e bandeirolas oscilantes, serras altas, quedas de agua, azenhas e poços, aldeias e lugares, tendes uma harmonia ebriativa para o meu coração, que se sente infiltrado de paz suave! »

A leitura do seu livro, dá-nos a impressão de andarmos calcando a alfazema dos matos. Penetra-nos a graça silvestre da sua prosa: uma prosa cantante, iluminada por chapadas de sol ou quebrada de uma suave claridade de lua de agosto.

A luminosa golfada de sol de verão, estende-se de lés a lés do seu livro. « O sol encanta-me! » bradava ele numa explosão de vitalidade. « Quero viver enquanto houver sol, que o sol encanta-me! » repetia ainda.

Mas o seu livro não é só um hino à luz. E' também um hino à Terra. Alfredo Serrano afigurou-se-me Vergilio ou Teócrito badalando uma chocalhada lirica, musical, por cerros beirões, pela farta terra dentre Estrela e Gardunha.

Houve uns exagerados que estendêrão a Beira até Leiria. A Beira é ali, a Beira é aquela e só aquela. E' a Beira de Alfredo Serrano. E' a Beira viva no nosso sentimento de portugueses. E' a Beira do bom tempo da Tradição, da genuína Tradição, escondida para lá do Caramulo e da Lousan. Tudo o mais pode revelar múltiplas afinidades beirões — mas não é a Beira. O sangue palpitante de Portugal é — quem o diria? — a neve dos pincares da Estrela, a derreter-se...

Alfredo Serrano pintou a Beira, e a sua prosa escorrendo luz tem por vezes a bucólica candidez duma égloga, outras a berrante alacridade duma mistura de tintas fortes. E este cantor da Vida, o pintor da luz, morreu num quarto de hospital, em Bolonha, aos 29 anos, numa tarde de setembro! Eu não chamo a isto — uma fantástica ironia do destino, porque digo coisa melhor: — imprescrutáveis obras do Senhor!

E o crítico?

Em certa altura da sua vida, Alfredo Serrano foi correr mundo. Visitou os museus da

Europa, estudou de perto a pintura holandesa. E à volta, expõe as suas ideias originais na Sociedade de Geografia e no Instituto Português de Estudos e Conferências.

Na primeira das suas conferências, discutiu a originalidade da pintura holandesa do século XVII, e quis provar que esta, se fôra independente, é porque vivera longe do espirito da Renascença.

Como inimigo das instituições parlamentares, Alfredo Serrano era um inimigo da Renascença. Na verdade, o complexo movimento de ideias e de factos do grande Renascimento, trouxe, consigo, o gérme das instituições democráticas. Sob este ponto de vista, Lutero e Rousseau são dois irmãos gémeos. Ambos fôrão encarados, pelos seus sectários, como dois revolucionários da liberdade humana. Ambos fôrão, no fundo, dois intolerantes.

Alfredo Serrano era um Medievo. Portanto era um nacionalista, na plena acepção da palavra. A Idade Média representa a grande força de Coesão Nacional. A Renascença enfraqueceu e obliterou o ideal de Nação. Porisso Alfredo Serrano, todo ele penetrado dessa serenidade forte que se desprende das ameias castelans, dos contrafortes dos templos românicos e dos núcleos das liberdades populares, define os caracteres da pintura holandesa, sob a invocação do mesmo pensamento, isto é, proclamando que a independência daquela vem tôda do localismo que revestiu, da admiração pela paisagem de Holanda, do seu particularismo, do desprezo pelo espirito da Renascença. Quanto mais uma escola se afasta do ideal clássico, proclamou ele, maior é a sua originalidade de expressão.

Na conferência do Porto, versa o tema da influência da Renascença na arte cristã. O Cristianismo deu expressão à Arte. A Renascença veio revesti-la dum convencionalismo frio.

Depois de ter provocado um certo rumor com as suas ideias, as mesmas que através de novos defensores viêrão posteriormente diluir a montanha de trevas que se fechara em tórno da Idade Média, depois disto, Alfredo Serrano volta a sair de Portugal. Vai estudar mais, vai estudar de novo, com a paixão dum crítico de temperamento. Pára em novas cidades, visita novos museus. Já se fazia prestes a voltar a Portugal, quando em Espanha adoeceu dum tifo. Transportado a toda a pressa para Bolonha, aí faleceu aos 16 de setembro

de 1904. Naquele dia, evolou-se um delicado espírito de Artista, inovador, entranhadamente amante da Terra portuguesa, pela independência espiritual da qual lutou, artística e politicamente.

Março de 1924.

COSTA PIMPÃO.

NOTA — Já depois de compôsto este meu primeiro artigo, apareceu no mercado o livro do Senhor Mayer Garção, chamado *Os Esquecidos*, em que são incluídos dois nomes do meu plano dos *Malogrados*: Alfredo Serrano e Guilherme Braga. O título do meu ligeiro trabalho, não tem nada de sugestionado pelos *Esquecidos*, como facilmente viu quem leu ao menos as primeiras linhas deste artigo. Acerca de Alfredo Serrano, pode parecer que andei aqui e ali esculdrinhando numa sede feroz de escândalo e de plágio, algumas frases e ideias para rebicar e enfaldejear com elas a minha prosa inerte e empastelada.

E o que é pior, é que não posso invocar o argumento simples do anacronismo, porque, diz-se no *Pré-fácio dos Esquecidos*, quasi todos os artigos fôrão publicados na *Capital*... há dois anos.

Não juro sobre umas *Horas*, em como tudo quanto escrevi é meu e produto do que investiguei, porque não as tenho à mão, e, na verdade, não é preciso. Eu não escrevo esta nota por medo aos zoilos. Escrevo-a precisamente para chamar a atenção dos que me lêrão para a diferença entre o plano geral do meu *Alfredo Serrano*, e o do *Alfredo Serrano* do Senhor Mayer Garção. E escrevo-a ainda para descobrir, aqui muito à puridade, por debaixo do meu currão de escrevinhador em hora de ócio, uma pontinha coriscante de vaidade; qual é ela a de me ver tão próximo do Senhor Mayer Garção no desenvolvimento duma ideia tão altamente simpática: lembrar os que se fôrão.

C. P.



Cantiga da sêde

São duas fontes de amôr
Teus seios, como rolinhas...
E' neles que eu hei-de encher
Meus beijos — as cantarinhas.
Fonte de amôr, sêde de água,
Eu trago a alma abrasada!
Venham ver que linda fonte,
— A boca da minha Amada!
Doce mocinha trigueira,
A minha bilha é quebrada!

1924.

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

Canção da candeia acesa

Para me dar sombra de noite,
nas noites sem lua cheia,
só tenho, por alegria
ou tristeza, uma candeia.

Pequenina, como a amendoa
dos olhos do meu amor...
Fecha-se a noite e acendo-a:
morre a noite ao meu redor.

A minha candeia ergueu
uma luz de prata e oiro
no seu bico copiado
das aves de mau agoiro.

Luz d'oiro do meu cantil!
Singela oferta, bem sei.
E' flor em campo d'abril...
— que eu não sou senhor, nem rei.

De engano chamei-lhe humilde
— mas tem arrogos de dia
e ao longe tem corpo d'astro
Com brilhos de pedraria.

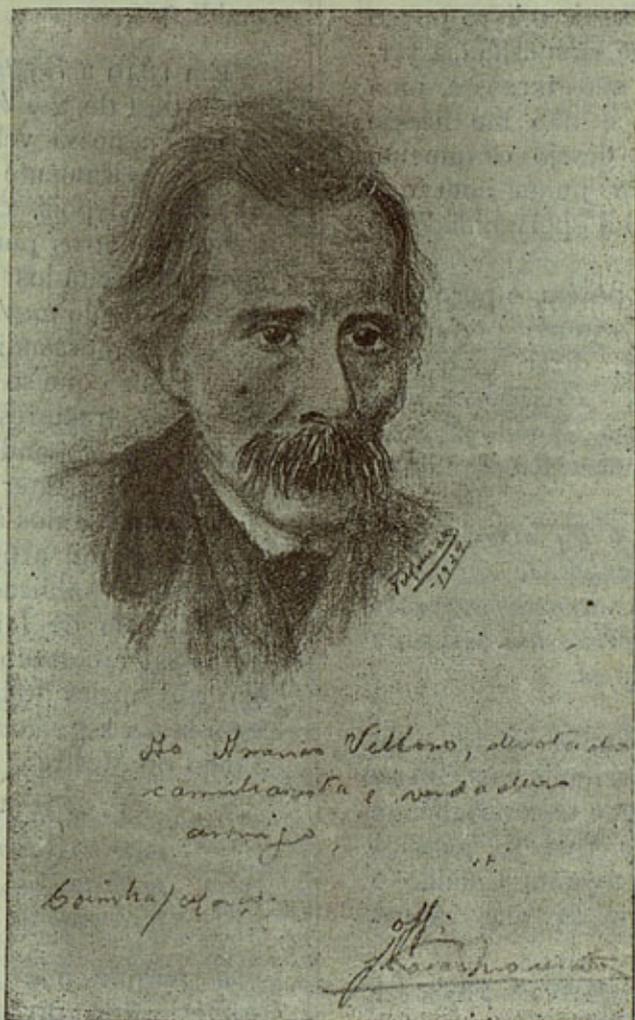
Amparo do meu olhar
afastando as sombras más,
nas veias corre-te azeite
das oliveiras da paz.

Corpo nú, trémulo, em fôgo,
dia a quem dei o comêço,
ó guia do meu olhar
que apago quando adormeço!

.....
Pesa-me o mêdo ao silencio
que encheu a terra e o ceu,
às sombras do dia morto,
ao mundo que adormeceu...
.....

E a dar-me sombra de noite,
Nas noites sem lua cheia,
Só tenho por alegria,
por tristeza, uma candeia...

BRANQUINHO DA FONSECA.

Notas
Camilianaspor : :
Américo
VellosoAo Senhor
Dr. Ricardo
Jorge : :Desenho : :
de Tavares
Mourato : :

A próxima comemoração do centenário de Camillo levou-me a percorrer em enternecida romagem espiritual todas as recordações do Mestre que consegui reunir para o meu culto.

Algumas delas merecem registo especial pelo interesse que podem despertar neste momento. É o que vou fazer nas *Notas Camilianas*.

I

« O Vinho do Porto »

Existe na minha modesta colecção o exemplar do já quasi esquecido opúsculo « O Vinho do Porto » (1), que pertenceu

(1) Porto, Livraria Civilização, 1884.

ao escritor de tantas outras páginas modelares.

O simples facto de possuir o livro pouco teria de notável se uma circunstância verdadeiramente feliz o não tornasse uma autêntica preciosidade, e não me fizesse hoje intérprete de um desejo claramente expresso pelo seu autor numa nota que talvez só agora achasse a oportunidade de ser revelada.

Antes de mais nada, porém, e porque já quasi está esquecido, seja-me permitido, embora resumidamente, dizer o que é « O Vinho do Porto ». *Processo de uma bestialidade ingleza*, chama Camillo à exposição que dedica a Thomaz Ribeiro d'este modo:

Como sei que o teu amor ás perdidas trêtas e manhas de Inglaterra não é dos mais acrizolados, venho offerecer ao teu sorriso um SPECIMEN de bestialidade ingleza.

Ora a *exposição* de Camillo ao autor do *D. Jayme*, é, nos intuitos, um *Finis Patriae* em prosa. E não se julgue temerariamente arrojada a comparação que se justifica conhecendo o fim que tiveram Camillo e Junqueiro ao elaborarem as suas sátiras formidáveis à Inglaterra.

O de Camillo, pode ler-se a pags. 84 e 85 do referido opúsculo:

N'este pedaço de litteratura da decadencia, ou decahida de todo, observe a critica escoreita que ha dois projectos: ... O primeiro é — arrazar Inglaterra; e, com effeito, arraza-se.

¿O de Junqueiro não estará nêstes versos:

.....só ficará, sob a densa neblina,
Num pântano de sangue uma Gomorra a arder!

Tudo reventará em cacos pelo ar!...
E ao soturno fragor de teus finais lamentos
Responderão — ladrando! as cóleras dos ventos!
Responderão — cuspidos! os vagalhões do mar!... ?

Se alguma coisa os afasta é esta: Camillo fulmina com sarcasmos; Junqueiro com maldições.

Em 1849 a *Westminster Review* publicou um artigo de *um bretão anonymo* que condenava a nossa velha indústria de vinhos por perigosamente adulterados. Camillo, 35 anos depois, conhecedor d'este e de todos os outros pormenores da campanha, sabe aproveitá-los de maneira a torná-la de um ridículo *anglicida*.

Nêste empreendimento muito o ajudou o rio Douro que se vingara de um dos mais ferozes detractores dos vinhos da sua região... afogando nas suas águas, o barão de Forrester (1).

Agora voltemos à nota.

Junto a um artigo crítico de Valentim Magalhães, publicado na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1884, recortado e colado por Camillo em três meias folhas de papel de carta, leem-se as seguintes palavras escritas pelo punho do Mestre:

Se se fizer 2.^a edição deste opusculo, peço ao editor q lhe anteponha como prefacio as Notas à margem de Valentim de Mag.^{ães}

E porque julgo do maior interesse o conhecimento do artigo que mereceu a Camillo tamanha honra, transcrevo-o na íntegra com todas as alterações feitas pelo insigne romancista.

« NOTAS Á MARGEM

Acabo de repor sobre a mesa, lido de um jacto, o ultimo livro de Camillo Castello Branco: — *O vinho do Porto* — como se fôra um largo e crystallino calice do bello liquido de igual nome, esvasiado de um só trago.

E estou cançado; não pela fadiga da leitura: — por um excesso de riso. E tonto; perfeitamente embriagado por este *Vinho do Porto*. E' que o espirito de Camillo atordôa e estuga os sentidos, ataca a um tempo o estomago em guinadas de riso, em pinchos de gargalhadas e o cerebro em deslumbramentos rutilos, affogeados, clarões intermitentes, esfusiadas limpidas de clarins e trepidos rufos de tambores.

(1) Autor do opúsculo *A Word of truth Port wine*.

Extraordinario escriptor que é este! Quanto mais a geleira do tempo lhe encapucha a fronte com as neblinas alvacentas do inverno — mais se incende e crepita e fagulha e se illumina o vulcão que ella procura, mas não pode apagar.

Teimoso e exquisito cerebro — o d'este polygrapho indefesso, formidavel, unico! Ao badalar monotono e triste do relógio da vida que lhe bate ás *Avé-Maria*, chamando-o com a voz em queixas a meditar no tenebroso mysterio do desaparecimento, advertindo-o que é tempo de descançar — responde atrevidamente com repiques festivos de alacridade, com gyrandolas multicores de estrepitosos remóques, campainhando pilherias, estralheando chacotas...

— Ah, tu queres *Memento*? diz elle. Pois eu te ensino. Espera lá.

E, abrindo de par em par o vasto *pagode* do seu talento, dá dentro d'elle, em honra á visita do tal Sr. Inverno — uma grande festa de *estyló*; faz um novo livro. Embambinella as arcarias de marmore rendilhado com variegados e ondulantes tropos, pede á sua rhetorica — que é d'elle e de mais ninguem — as mais exóticas e finas flores, e atapeta as naves e enfeita os ares com estendades de rosas e pervincas, com chuveiros de anemomas e rosas (1), heliotropos e violetas, com festões e guirlandas de verbenas e pampanos, de myrtho e louro. Depois, a um signal de batuta do seu magro dedo, irrompe a symphonia da phrase e começam as danças.

Esquios Adjectivos funambulescos passam a rir, tinindo guisões, em cadencias molles, bamboleando os angulosos quadris e trazendo pela ponta dos dedos louras Imagens risonhas, gordas e rubicundas, como donzellas normandas — fendendo as bocas vermelhas em curvos golpes de perolas e desnudando os abundantes seios redondos e tremulos no offego das danças, no fluxo das gargalhadas...

Seguem após, como silenos avinhados e pandegos — os bojudos Adverbios encavalgados sobre possantes Participios, muito *passados*; que, de instante a instante, os sacodem pesadamente, em upas de rebeldia impotente.

Dos Substantivos, de todos os feitos e de todas as côres, uns saltam, deslisam, cantarolam e bailam delirantes, saltando (2) ás costas dos Adjectivos, agarrando-se aos Verbos; escondendo-se por traz dos Pronomes, com tregeitos esportos; outros meditaundos e graves — perpassam solitarios e tersos, cheios de circumspecção.

Mas ahí vêm os Neologismos. Uns sujeitos exquisitorios, alegres, inauditos e ineditos; piparatoeiam irreverentemente as orelhas versudas dos velhos Termos, tabaquentos e tropegos; encarapitam-se ao pescoço dos veneraveis Archeologismos e beijocam sem pudor as Expressões despeitoradas e faceiras. De repente todo esse mundo bizarro e trétego rebenta a rir, a rir, a rir com furia, com destempero, escandalosamente... E' que entrou na dança uma chalaça de Camillo ou um dos sagittarios do grupo dos Sarcasmos...

Pois o *Vinho do Porto* é uma d'essas orgias phenomenaes com que vai Camillo desmoralizando as pretenções funebres da velhice. E' mais ou menos isso que ahí deixei mal esboçado: — uma saturnal deliciosa, um encanto, um deslumbramento. E', em resumo, uma bomba de pilheria, rebentada ao rubro nariz da matreira e insaciavel Albion — que, fingindo acreditar na *Jero-piga* (com *jóta*), vai abocanhando quanta *geropiga* (com *gê*) encontra nas lusas terras.

E entresachadas a essa história picaresca — anedotas de cosinheiras e marquezas, biographias de medicos e patetas, philosophia e mostarda.

Delicioso — este *Vinho do Porto*! E legitimo. Podem bebel-o sem temor. A marca está de ha muito registrada no tribunal da admiração publica. E é — « Camillo Castello Branco. S. Miguel de Seide. Reserva do armazem. » E' bebel-o!

Aproveito o ensejo para uma rectificação necessaria.

No artigo, que sobre este escriptor notabilissimo escrevi n'esta folha a 3 de março d'este anno, pedia eu humildemente á « Ironia, á bilis e aos nervos » — os grandes amigos e protectores de Camillo e á tenia que é a sua velha companheira e boa inimiga — que o deixassem escrever até completar cem obras. Foi um engano. Dias depois verifiquei que ha muito que elle ultrapassou a sua centesima obra: e agora leio n'esta ultima:

« Emfim, eu sabia tudo, sem resalva das abominações procedentes do fogão; e os deuses me são testemunhas de que em *cento e tantos volumes* de analyse de ruins costumes nunca fiz máu uso dos segredos de Gertrua, etc... »

Faço, pois, gostosamente a referida rectificação, pedindo mil perdões ao illustre prejudicado e « á ironia, á bilis, aos nervos e á tenia » de Camillo que o conservem até que elle tenha presenteado as letras portuguezas com a sua tricentesima obra.

E queiram desculpar-me o engano.

VALENTIM MAGALHÃES. » (1)

Uma outra alteração, e não menos importante, tencionava ainda Camillo fazer na 2.^a edição de « O Vinho do Porto ». Na penúltima página d'este opúsculo onde se lê:

Quanto a commendadores, quem contou as gotas do mediterraneo, as areias do Saharah e as estrellas da Via-Lactea?

o Mestre acrescentaria o seguinte período:

As moscas incalculaveis, refractarias ao algarismo, as lendarias moscas da Povia de Varzim, comparadas numericamente com os nossos commendadores, são raras como os rariantes de Virgilio.

E nada mais tenho a dizer acerca do livro, em cujo frontispício o autor escreveu — *Exemplar de Camillo Cast.º Br.ºº*

Coimbra, 1924.

AMÉRICO VELLOSO.

(1) Camillo emenda para e *lyrios*.

(2) Camillo emenda para *pulando*.

(1) Ilustre escritor brasileiro.

Horas morrendo

Harmonias

Morreu o Dia ... vai-se a Luz ... a Hora é vaga:

Melancolicamente, a brisa murmurava
Uma canção sem par ...
... E as oliveiras
Solitárias ao longo das estradas,
Como freiras
Amarelas, maceradas,
Ascetamente sentem-se rezar.

Que tristes elas são as mudas sentinelas!
Esperam o meu Amor que há-de chegar
Num cortejo de pálidas estrelas,
Amor... a pastorinha — mais branquinha —
Que lá, no Céu-Azul, anda a guardar.

E enquanto a Noite cai sonâmbula, de Sonho,
Por sobre a Natureza, ...

Do Céu inda dourado a Lua vem surgindo,
Alma de Madalêna, estática, sorrindo,
Candeia de Jesus que o amor traz sempre acêsa.

Que linda que hoje vem! oh! como encanta e brilha
A Lua dêste mês tão rubra como chama!
Parece que anda Deus — estranha maravilha! —,
Sorrindo, a incendiar
Essas cartas de amor de Sórora Mariana,
Mostrando ao Mundo inteiro, a tôda a Natureza,
Que o pranto do Luar
São lágrimas de amor, Saudades a brilhar,
Caindo, lá do Céu, duma alma Portuguesa.

Porisso em Portugal Deus para alumiar
As nossas noites calmas,
Fez o Luar em saudades,
— Saudades, Luar das almas ...

— Luar de Outono! tu, caindo vens lembrar-me
Sumido no Poente — o Sol do meu Amor
Empoalhando em cinza os meus castelos doiro...
Luar de Portugal:
— A tua branca Luz, brilhando, vem filtrar-me
As lágrimas de Dor
Que por amor,
Tereza soluçou, lá longe, junto ao Doiro ...

E enquanto a Lua vai subindo lentamente
Na concha toda azul — à olimpica mansão,
Escuto a voz do Mar cantando mansamente,
Parece que a embalar meu pobre coração.
...E ouvindo a voz das aguas
Cantando—a Deus resando em orações de máguas
Recordo a minha Infância... os tempos que lá vão.

E o Mar que me conhece, o Mar que é meu Amigo,
De longe ao ver-me só, falar a sós comigo
Lembrando aquele tempo — o tempo que lá vai
Que foi e já não vem;
O Mar, o vasto Mar, o Mar meu confidente,
Ao ver-me tão diferente
De quando O ia vêr p'la mão de minha Mãe;
Ao ver-me tão mudado
A's ondas disse então:
— Resai por ele a Deus num canto estilizado,
Orai pra adormecer seu pobre coração
Que tão feliz outróra e alegre eu conheci...

...E ouvindo aquela voz — ó Mãe! — adormeci...

E a Noite foi rolando enquanto o Mar rezava.
Depois, quando acordei,
Candeia de Jesus — a Lua alumiaava
Por entre os olhos luz das pálidas estrelas...

E a minha Pastorinha — Amor — que lá as guiava,
Deixou-me inda mais só...
...Partiu... foi-se com elas...

E agora a Noite vai, medrosa, vai fugida
Levando para a Luz as trevas deste amor.
— Saudades que eu senti da Vida não vivida,
Feridas pelo Sol — Real igual à Vida —
Desmaiam dentro em mim...
Acerrimo dulçor!

.....
Envelheceu a Noite. O Sol já vem rompendo
Aquarelando em roixo os pórticos da aurora:
Exhausta a Voz da Sombra, a custo, vai dizendo
Que a Dor dentro em meu peito há muito vive e mora.

Senhor! Senhor!

Maldigo o meu viver e amando a minha Dor
Eu guardo-a dentro em mim, avaro como um Sonho,
Enquanto o coração — altar onde a deponho —
Me diz a cada instante:

— a tua Linda Amante,
O teu Amor — Aquela —
A mais perfeita em Harmonia-Luz, em Côr,
De Todas a mais Bela,
Ela

Há tanto tempo eleita em tua Ansiedade...
...já vive dentro em mim:

Senti-A:

— Era a SAUDADE

Do « Livro em Sons » — no prelo.

xii-923.

VAZ CRAVEIRO.

Sob o velário da melancolia...

Ao FAUSTO DOS SANTOS,
meu irmão no sentir

Evohé, evohé, Primavera!

Que os deuses te saúdem e estendam sobre ti as suas mãos bronzeas e misericordiosas. Que eles mandem que por taças de cristal pagens loiros mais formosos que *Ganimedes* te sirvam ambrosia ajoelhados em sitiais de seda. Que sejas louvada, minha irmã doutros tempos, porque vieste trazer à soledade do meu viver o aconchêgo da tua alegria sadia e pagã.

Linda Primavera dos meus sonhos de tamanino e sonhador, com teu surgir de seivas, teus júbilos de criança gárrula, minha primavera que me levavas pelos campos a colher florinhas, pelas terras agras dos montes sem termo a brincar.

Abadas de flores, abadas de flores, como eu as quisera voltar a colher! E porque não vou eu como outróra colhê-las aos valados? Se ainda as ha tam formosas e aromais como antanho, porque não vou eu a sorrir-lhes?

Mas sê bemvinda Primavera! Bela mensageira que trouxeste ao meu retiro de homem ensimesmado a tristura que me converteu em poeta!

Sê louvada porque fizestes florir junto a mim a graça das olaias — que lindas capelas para engrinaldar cabeças de adolescentes — tão velidas na sua túnica côr de mosto clarificado, tão franzininhas e jubilosas.

E que formosa fiada delas caminha até à minha porta! Em verdade te digo que só as amendoeirias igualam a graça das olaias!

Mal sabes tu porém como eu ando a fazer saúdades; tenho o meu amor tam longe, tam longe e ele é tam cruel...

Porque não mandas, Primavera, tu que és a minha irmã mais nova, porque não mandas que as avesinhas entrem no meu peito e alegrem o meu coração tristonho?

Sabes, ando muito aborrido de tudo. Triste, tam triste, que decerto já me não conheces.

« Póde lá ser, dirás, o meu companheiro antigo! »

Pode, pode, Primavera! Tu não envelheces, porque vais para os países do sol onde o sangue se conserva eternamente jovem como os deuses da Arcadia.

E sobre a minha cabeça caiem impietosamente o frio dos invernos e a nostalgia opiada do outôno.

Já não posso ser teu parcioneiro, minha Primavera juvenil, porque o outôno agora me traz acorrentado e a sua tristeza sem fim e os seus crépes leves de melancolia e a brandura doente dos seus dias e os laivos anémicos dos seus poentes, encheram a minha pobre cabeça dum tropel de sensações de beleza mórbida.

Eu hoje sou um seu escravo, e como escravo que sou não posso ter alegrias.

Formosos tempos, Primavera, em que ambos formavamos o mais lindo par! Hoje, quando inquirem da minha idade, ainda respondo numa saúde: « Já vinte vezes as olaias floriram... » E êles, os outros, ao verem a melancolia esparzir-se pela minha epiderme macilenta e clorótica que outróra o hálito são dos trigais e milharais e a penumbra religiosa de legiões de pinheiros bafejaram de côr e saúde, ficam-se a duvidar, atentos ao cansaço precôce do meu corpo alquebrado, aos meus olhos pisados, às grandes sombras trágicas das minhas olheiras. E eu sinto-me mais triste, Primavera, porque já nem sou acreditado!

Como eu quereria ter vivido na Hélide antiga! Esquecer as minhas máguas, erguendo uma taça transbordante de espumoso *Chypre*. E ser um poeta que fizesse belos canticos em louvor de *Dionisius*, o deus mais humano de entre os deuses. E ser possuidor de quadrigas sem par e de belos corceis brancos e ser sempre vencedor em os jogos olímpicos. E ser forte como um pastor e poderoso como um rei. E quando tu viesses, ir ao teu encontro, Primavera, e vestir-me com as tuas flores, que generosamente me atirarias, tantas, que eu me sentisse viver num mundo de flores!...

E eu pegaria em teus dedos que seriam lindos botões de rosas brancas — o que mais gentil ha em flores — e beijando-os, julgaria beijar devotamente os teus dedos brancos. E eu levaria aos meus labios as rúbidas flores do amaranto e beijando-as, cuidaria oscular a tua bôca!

Mas em pleno século vinte, minha irmã de outróra! Já nem as flores devem ter a graça arcádica das flores de antanho. Tu mesmo me pareces um pouco triste da tristeza dos homens. E já não ha deuses que compreendessem a nossa alegria de viver juvenilmente e com a alma aberta e rasgada à vida. Nem ditirambos os poetas sabem ritmar, nem taças de *Chypre* se sabe erguer. A beleza masculina que se ostentava viril e sã nas piscinas e no ginásio é hoje um arremêdo que desagrada vêr. As mulheres sam *Vênus de Milo* a quem um escultor desbastasse o galbo perfeito e harmonioso e o substituisse por magrezas e ossaturas e tudo depois revestisse de uma pele cianosada e engelhada. Já vês Primavera, como é justificado o meu mal estar! Mas bemdita sejas tu que me envias a alegria franca da tua vinda, a bênção pagã do teu sol confortante e que engrinaldaste a minha casa com corimbos de flores da côr do mosto clarificado!

Bemdita sejas!

Primavera de 1924 — Primeiro dia de sol.

LUÍS VEIGA.



Preciosa

AO AMÉRICO VELLOSO

A loira, a feiticeira Preciosa,
Que morava na minha rua, outróra,
Tinha a grácil frescura duma aurora
Que boiasse na concha duma rosa.

Era linda, magana, buliçosa...
Cantava em todo o dia, a tôda a hora.
Mas uma noite, a môça foi-se embora...
...E não tornei a ver a Preciosa.

Um dêstes dias, ao passar na rua,
Vi num portal a triste, semi-nua,
Olhar de febre num perfil doente.

Trazia ao colo um vultô pequenino...
E o seu canto d'outróra, cristalino,
Tinha a carícia dum ó-ó dormente.

Abril de 1924.

ÁLVARO JÚLIO.

Crítica literária

Sinfonia de abertura — A Crítica — "Os Pescadores" de Raul Brandão.

É ponto incontroverso, assente e demonstrado, que a produção literária está atingindo em Portugal as proporções da fábula. Cada dia as montras ostentão, numa brochura de vinhetas coloridas, algumas de péssimo gôsto, três ou mais novidades literárias; e quando vou à Baixa é já como se levasse um recado encomendado: vou ler os títulos novos e apreciar as vinhetas novas nas montras revelhas da *Lumen* e da *Coimbra Editora*.

Costuma dizer-se que a quantidade supre a qualidade e que, muitas vezes, a febre de produzir não tem correspondente num motivo artístico original e escolhido. Em todo o caso, nesta aluvião de letra redonda que está desabando sôbre um País de tão poucas letras (e à qual nós viemos juntar, com a delícia pecadora dum vício em moda, a nossa cota parte), nesta aluvião, dizíamos, parece que ha qualquer coisa de bom, muito mesmo com que alimentar as exigências e os preconceitos exigentes da Crítica.

As palavras são como as cerejas: queremos duas, vem um cacho de duzentas... E eu que comecei a falar de livros e de montras, deixei escorrer da pena a palavra *Crítica*.

A Crítica! Neste *magnum mare* de letra de fôrma, a Crítica, claro está, tornou-se, em regra, impudente. Na banca do crítico aparecem dezenas de obras por semana. Ler tudo aquilo? Impossível! Aniquilar reputações nascentes? Perigoso! Vamos ao caso que a obra alvejada e que ficara entre aqueles que a faca de papel não tivera tempo de abrir, era alguma coisa de aproveitável?!... Ha hoje um ar tão subtil, tão fino, de intelectualidade suspenso por todo o País, que seria realmente estranho que o crítico viesse, com dois borrões de tinta, empanar este hieratismo da inteligência, superior, absoluto, invulnerável! O crítico hoje não aniquila nem desfaz as ilusões do autor do primeiro livro. Duas palavras, mão por baixo, mão por cima, e eis a obra lançada ao ar livre, com um arsinho aceado e fresco de bebê que saísse da pia baptismal.

Desaparecêrão, portanto, as obras más. As que o são, em consciência, pertencem, pelas colunas de prosa dos críticos de parada, aos rapazes de talento. As que o não são, em consciência também, são extraordinárias. Estas pertencem aos consagrados. O crítico falou: e a obra, como por encanto, desaparece do mercado. Enquanto aquele conservou uma mudez de pedra, a fama da obra foi alguma coisa de vago. A revelação é o elogio da gazeta. Até lá os exemplares abolorecem e destingem na poeira das estantes. Falo, claro está, da generalidade.

O século xix, deu-nos o jornal — e o jornal, por sua vez, com a sua crescente popularidade, deu-nos a estrondosa ruína do pensamento. Já não falo dos críticos que folheião duas páginas dum livro para estabelecerem sôbre ele uma opinião que repûtão inabalável. Falo dos leitores, dos que armazenam todos os dias algumas dezenas de sábias opiniões, colhidas na leitura do seu jornal. As nossas conclusões são hoje formadas à custa de impressões. Isto já era verdade no tempo do inimitável Eça. Hoje ainda o é mais.

Não é sem um sorriso, que alguns alcunharão de irreverente, outros de atoleimado, e eu de justo, que recorde o dia em que o actual Ministro de Portugal em Londres, a um tempo jornalista e escritor, Augusto de Castro, em fim, consagrou uma coluna da sua castiça prosa, no *Diário de Notícias*, à última obra de Raúl Brandão. Nesse dia célebre, e no seguinte dia, os exemplares de *Os Pescadores*, de que já lá hia a primeira edição, e que continuava constituindo um bom êxito de livraria, desapareceu das estantes. Ali o Neves pasmava da venda. Eu redargui:

— E' que Augusto de Castro falou.

Aponto o facto — não discuto autoridades.

E para falar de *Os Pescadores* veio-me outra vez à ideia recordar o pinture de cerejas — e é que recordava, se não fôra a indiscrição da minha particularíssima preferência pelo asiático fructo. Duas observações pessoais apenas, sobre *Os Pescadores*.

Numa bela cobertura de Alberto de Sousa, dum naturalismo simbólico de aquilatado gosto, appareceu já ha bastante tempo *Os Pescadores*, de Raúl Brandão. Critica, ou melhor, análise ao livro, afóra as duas linhas do meu colega *José Régio*, na *Byzancio*, ainda não vi mais nenhuma. Elogios, sei eu que os houve, e em barda.

Os Pescadores constitui o primeiro quadro de uma tetralogia em que o autor se propõe tratar da vida humilde do povo português. Seguir-se não aos pescadores — os lavradores, os pastores e os operários.

Pôsto que Raúl Brandão tenha chamado ao seu livro — *Os Pescadores*, e se propusesse tratar nele da vida humilde destes, suspeito de que tivesse atingido o fim. E porquê? Di-lo hei em pouco: é que não é possível escrever tresentas páginas acerca da vida humilde dos pescadores. Se o fosse — Raúl Brandão tê-lo hia feito. A vida dos pescadores é tão simplez, tão idêntica a si mesma, que reputo impossível tomá-la por tema dum vasto quadro. Tomar aqui, além, um rápido esboço, reter um tipo, focar um alar de rédes, descrever um prateado de escamas, é possível, mas ha que enquadrá-lo na paisagem, no quadro marítimo, todo névoa, oiro, azul e verde.

Foi assim que eu, em procura duma síntese, defini o livro de Raúl Brandão como uma esplêndida marinha em que os motivos se repetem.

O mar é monótono. A terra não. O mar é um quadro único que pôde, quando muito, constar de três motivos: nascer do sol, meio dia e pôr do sol. A noite, o mar é um rouco medonho apenas. A vida dos pescadores, *vivida* por sua vez através de trezentas páginas, tornar-se hia horrivelmente fatigante. Raúl Brandão pouco diz da vida dos pescadores, porque, mesmo, nada mais tinha a dizer. A vida é aquela — é a vida monótona do pescador da Póvoa, de Mira, da Nazaré, de Olhão, em face do mar monótono, sem balisas. Se se quizer dizer mais — ha que repetir o que se disse. A vaga também é monótona — de manhan à noite.

O livro de Raúl Brandão é o livro da costa de Portugal, desde Caminha a Tavira — não é, quanto a mim, o livro da vida humilde dos pescadores. É, sim, um livro de côr, de gradações marinhas, e de luz! Raúl Brandão bebeu o azul, o oiro, a névoa e espalhou o azul, o oiro, a névoa tão habilmente como o faria um pintor de génio. *Os Pescadores* é um objectivismo visionado através duma saúde e dum atavismo. É um concerto de sete côres: oiro, azul, verde, branco, roxo, violeta e vermelho. Quando não é côr, é névoa.

Repare-se ainda: o livro de Raúl Brandão é feito de notas, de comentários leves, notas por vezes um pouco

técnicas, comentários às vezes um todonada descritivos. É uma brochura de pequeninas telas com tintas diluidas na poalha doirada, com reflexos de verde e azul, de azul e verde — o verde e azul eternos das telas marinhas.

Não é mais. O mar tem de ser tomado assim, em impressões que têmão a rapidez dum *cliché*. E' pois um livro de retalhos, de belos retalhos, muitas vezes — mas onde em vão se procura a harmonia singela da vida dos pescadores. E' que os pescadores, e eu queria chegar a isto, são no livro de Raúl Brandão, um acidente, são os tipos sumidos no oiro da marinha.

Sem dúvida, ha no livro de Raúl Brandão figuras de drama, que se destacão do enquadramento da paisagem. A Ana, o arrais que morre com o leme nas mãos crispadas, a Maria da Sé, têm um recorte vigoroso, impressionante, de tragédia. Mas ao lado destas, e de alguns tipos mais, bem definidos, sobretudo de molheres, Raúl Brandão mostra-nos pescadores incaracterísticos, e então as mazelas da vida marítima: o peixe, cheirando que tresanda, os pescadores que gástão os dez reis na taberna, o terrível froleiro das Berlengas, que volta costas ao mar, ao mar do seu ódio, as molheres que desejam a morte dos maridos *para levantarem cabeça*, as viscosidades que *arripião*, a sangueira do atum, que enoja, etc.

Eu preferiria antes que o livro de Raúl Brandão viesse juntar ao *folk-lore* nacional, alguma coisa de novo. Desejaria *sentir* a vida dos pescadores nos seus usos, nos seus costumes, nas suas tradições e na sua linguagem, através dessa longa costa portuguesa. Quereria conhecer da vida dos pescadores aquilo que os distingue em Caminha, em Aveiro, em Cesimbra, em Olhão — e não aquilo que os incaracteriza. Nota curiosa: as molheres de *Os Pescadores*, chórão, praguejão — mas não cântão.

O grosso volume de Raúl Brandão, consta, na maior parte, de paisagens e de memórias. E' um livro de imagens, de reminiscências, recordadas numa frase curta, lapidar, nervosa e incisiva. A linguagem de Raúl Brandão é admirável para a côr e para o drama. Da vida dos pescadores, da sua vida de lágrimas e de tragédia, diz tudo — e diz pouco.

Se o livro de Raúl Brandão tivesse o nome de *Costa de Portugal*, teria satisfeito o meu espirito. Assim, ficou qualquer coisa de suspenso em mim, ao decidir da incondicional perfeição de *Os Pescadores*.

Em todo o caso, para que um livro tenha três ou quatro edições, é antes de tudo necessário que ele tenha qualquer coisa de bom — ou qualquer coisa de mau. *Os Pescadores* que têm muito de bom, já tem três edições. *As Palavras Cinicas* que têm muito de mau, já vão no trigésimo milhar.

C. P.



“Bôbos na Côrte” pelo Conde de Sabugosa.

Não pode inculcar-se este volume como indice mais representativo de mérito do autor. Tirante mesmo o caracter de póstumo, que já implica dúvida sobre a legitimidade no seu aparecimento e firmeza no juizo a fazer dêle, há ainda a acrescentar o modo como se formou, em parte de artigos jornalísticos, em parte dos retalhos destinados a obra de maior fôlego. Por

isso e mais é que se lhe não pode aplicar, como quiere o sr. Aires de Ornelas, o verso de Garrett :

...preguntar às obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu.

Mas também é verdade estar o valor do conde de Sabugosa aquilatado por outros livros, principalmente a « Rainha D. Leonor » e ainda várias colecções de antigos temas redivivos e evocados com discreta coloração. Os « Bôbos na Côte » nada veem acrescentar ou tirar ao que esteja estabelecido, representam um propósito de amigos desejosos de ver reunido o que se encontrava disperso ou inédito. A parte consagrada unicamente aos truões ocupa cerca das duas terças partes do livro e o resto são « bagos de história » respigados em fartas e velhas latadas. Lê-se com agrado, é uma fórmula delida assentando neste caso como nova. Não traz ensinamentos por aí além, não se recomenda pela viveza ou originalidade do estilo, mas tenta fixar aspectos e tipos rapidamente esboçados.

De bôbos, na época portuguesa que tratou, não haveria matéria para largo tomo e por isso é vulgar sentir-se nas 126 páginas dedicadas a esses tristes personagens, officiosos de alegria, a quebra do motivo, indo tratar instituições, figuras e até gente estranha. As nossas crónicas encerram uma história muito especial, e nem sempre a do povo, a dos que fazem número e não teem nome; é assim que os bôbos, seres inferiores e quasi extra-humanos, pouco rasto deixaram aó que parece. Não se encontra neste livro, infelizmente, a descrição trágica, burlesca e sombria do que foram os donatarios do riso para uso alheio e bem interessante seria fazê-la. O capítulo talvez de maior relevo é o de — « Dom Francesilho » —, bôbo de Carlos V e, para os portugueses, o que se refere aos tempos de D. João III. Não ficará ainda sem reparo a forma descuidada como se apresentam os nomes de alguns autos de Gil Vicente, uns miseravelmente galhados, como « Auto de A. Murtinho », « Amarillis de Gaula » e « Farça dos Ciganos », em vez de « Auto de S. Martinho », « Amadis de Gaula » e « Farça das Ciganas »; outros desfigurados como aquêlê pobre « Velho do Horto », que tinha uma horta e se apaixonou por certa moça, e o « Clérigo nos Futricas », que parece mesmo baixa facécia. Este ultimo auto onde Gil Vicente « se atira aos médicos conhecidos » se não fôr o « Clérigo da Beira » ou a « Farça dos Fisicos » não adivinho o que seja. Um êrro, afinal, a corrigir em futuras edições, e oxalá que bem depressa.

M. C.



“O pobre tolo” por Teixeira de Pascoaes.

O último livro de Teixeira de Pascoaes apareceu aos nossos olhos quasi como se fôra aquele fogo que em remota idade o titan roubara aos Céus. É uma rajada de ironia transcendente que aos olhos do poeta redime a vida e o mundo. Há figuras que são chamadas, outras lágrimas torcidas de desespero, outras gritos de eternidade, outras só dôr, outras ainda um riso estranho de um clown misterioso que tivesse feito uma pirueta por sobre o trôno dos Deuses.

« O Pobre Tolo » — é o poeta, um gerico que se espolinha na relva a relinchar quando chega a Primavera, enquanto os homens assistem à chegada das ando-

rinhas, indiferentes e autómatos. E aqui se vê a ironia do livro, ironia que queima, que nos morde e nos gasta.

Toda a noite o gerico triste fica na Ponte, sobre o Tâmega que é a salidade do poeta a correr para a eternidade, a olhar a lua, a evocar sombras.

Toda a noite fica de olhos pasmos, na indecisão — o pobre tolo no meio da ponte. E passa então uma romaria ignorada de almas, de figuras quasi roubadas à criação de Deus.

Há figuras que passam vagas e disformes, que tem ainda impressas dedadas divinas. Sabem a Céu e a Eternidade.

« O Pobre Tolo » reconhece-as e fica numa loucura de alegria relinchando ao mistério da lua e do Tâmega, horas mortas, entre o nevoeiro estranho.

Ao acabar de ler, lembrámo-nos de que Pascoais mergulhara as mãos na bruma genésica dum mundo ignorado, no mundo que turbilhonava no seu cérebro de poeta, e sai com elas a escorrer sonho.

No « Bailado » as figuras apareciam como o titulo o indicava, numa dança mácabra e transcendente; agora é como relâmpagos de magnésio, gargalhadas de luz vindas não sei donde. Por momentos aparece uma calma naquela tempestade divina: é um sópro de tristeza infinita, a transformar em lágrimas, todo o fogo que ateava — oh! química introduzível do poeta!

Por vezes no seu caminho ideal, toca-se com Raúl Brandão. Há-de haver quem pense numa influência profunda do autor dos « Pobres », sobre o poeta. Julgámo-lo nós até, primeiramente. Mas nem influência chega a ser. E' que por vezes tocam-se os dois sentidos.

Ambos os dois reviraram a vida do envês; um arrancando-lhe o sonho — Raúl Brandão, outro o riso — Teixeira de Pascoais. Um mostra-nos o sonho com que Deus nos envolve, outro o riso com que envolvemos Deus.

Estamos certos que nem toda a gente pensará como nós, e haverá muita gente que irá buscar no último livro do poeta, basta *blague* de café. Não vem tirar isso, para que nós achemos no « Pobre Tolo » uma Bíblia que só tem Apocalipse, uma Bíblia de riso e lágrimas a arder para Deus, num fogo de Creação, num fogo genésico. Adivinha-se um mundo em nebulosa através daquele riso. Deus deve-se rir assim: o poeta foi envolver Deus no seu próprio riso...

L. G. O.



Crítica musical

Por absoluta falta de espaço não nos foi possível inserir neste número, como a redacção desejava, o artigo do nosso querido amigo e estimado colaborador D. José Paes, intitulado: *Breves notas sobre o estudo e ensino da Música em Portugal*, o que faremos no próximo número.